

“A Páscoa do Piemonte” encenações nos *media* do Massacre dos Valdenses em 1655¹

Os piemonteses
basearam-se nos seus
privilégios de tolerância,
que lhes tinham
garantido, desde 1561,
a liberdade de religião em
uma região precisa.
A situação agravou-se
em Abril de 1655,
na sequência do assassinio
de um padre católico.
Uma expedição militar
punitiva sob as ordens
do Príncipe de Pianezza
lançou fogo a aldeias
valdenses. Enquanto uma
parte da população
masculina se armava e se
preparava nas montanhas
para contra-atacar, as
tropas matavam os
habitantes que tinham
ficado nas aldeias,
sobretudo mulheres,
crianças, doentes e anciãos
O massacre, que entrou
na memória protestante
com a designação de
“Páscoa do Piemonte”.

Christine Vogel

Rostock / Paris

A História da Teologia
por Pierre Jurieu

Em Março de 1686, cinco meses após a revogação do Édito de Nantes, que tinha garantido aos calvinistas franceses uma limitada liberdade religiosa, foi publicado em Roterdão o livro com o título: *L'Accomplissement des propheties ou la délivrance prochaine de l'Eglise*², cujo título em alemão era *Der Weissagungen Erfüllung, Oder die bevorstehende Erre[t]ung der Kirchen, da erwiesen wird, dass das Papstthum das Anti-Christliche Reich, und nicht fern von seinem Untergang seye, dass dessen Zerstörung [in] kurtzem den Anfang nehmen werde, und die jetzige Verfolgung in drey und einem halben Jahr sich enden könne; Hernach wird anfangen die Zerstörung des Anti-*

¹ Este artigo foi editado em versão alemã em *Bilder des Schreckens. Die mediale Inszenierung von Massakern seit dem 16. Jahrhundert*, ed. Christine Vogel, Frankfurt am Main, Campus 2006, pp. 74-92. Tradução do Alemão para o Português por Maria Cristina Osswald.

² [Jurieu, Pierre], *L'Accomplissement des Propheties ou la délivrance prochaine de l'église. Ouvrage dans lequel le Papisme est l'Empire Antichrétien; que cet Empire n'est pas éloigné [sic] de sa ruine; que cette ruine doit commencer dans peu de temps; que la persecution presente peut finir dans trois ans & demi. Après quoy commencera la destruction de l'Antechrist, laquelle se continuera dans le reste de ce Sicle, & s'achevera dans le commencement du Siecle prochain: Et enfin le regne de Jesus-Christ viendra sur la terre.*, par le Par le sieur Pierre Jurieu Pretre et professeur ès Théologie à Rotterdam, Roterdão, Chez Abraham Acher, proche de la Bourse, 1686, Tomo I.

*Christi, und die übrige Zeit dieses seculi den Fortgang haben, und im Anfang dess folgenden Jahrhunderts sich enden, darauff endlich das Reich Christi auff Erden kommen wird.*³

O título explícito já deixa adivinhar: o livro contém uma interpretação actual dos livros de Profecias da Bíblia, em especial, do Apocalipse de S. João. Com isto, coloca-se numa longa tradição da Apocalíptica cristã, que, não por último, foi revivida pela Reforma.⁴ No último terço do séc. XVII, alguns calvinistas franceses interpretaram o seu próprio presente como “acto final dum drama escatológico”.⁵ O Édito de Nantes perdeu vigor com a subida ao trono do Rei Sol. As liberdades foram cada vez mais restringidas, as instituições calvinistas e as igrejas foram encerradas. De igual modo, o tom das exortações para uma conversão ao Catolicismo tornou-se cada vez mais agressivo, até às famigeradas “dragonadas”, os aquartelamentos com sucesso de soldados. Um número crescente de huguenotes cedeu, pelo menos externamente, à pressão ou foram para o exílio, tentando levar consigo o máximo possível dos seus bens. Este caminho foi também encerrado em Outubro de 1685. O Édito de Fontaineblau não revogou apenas o Édito de Nantes, como também proibiu as saídas para o exterior do Reino de França sob pena de prisão ou de trabalho forçado. Dado partir-se do princípio, que os huguenotes restantes se converteriam em breve ao Catolicismo, o Calvinismo já não tinha existência oficial em França.⁶

Em 1681, o autor da obra citada, o teólogo e jornalista Pierre Jurieu, teve igualmente que deixar a França. Foi viver para Roterdão, e iniciou uma actividade jornalística intensa em simultâneo às suas tarefas de pastor e professor de teologia, que o tornou em breve uma das figuras cimeiras do grupo dos huguenotes exilados.⁷

Na sua obra, Jurieu apresentou o Apocalipse de João, interpretando-a em relação com o presente e chegou com alguma acrobacia de números à conclusão que o Reino do Anticristo – ou seja, o Papado com os seus seguidores – cairia entre 1710 e 1715.⁸ Muito falava a favor, que a perseguição actual em França teria o seu fim já em 1689, e que a Reforma neste país se imporia através duma benção especial de Deus:

³Primeira edição de 1686. Para as referências bibliográficas completas de todas as edições conhecidas e traduções, assim como dos textos de controvérsia, consultar Kappler, Emile, *Bibliographie critique de l'oeuvre imprimée de Pierre Jurieu (1637-1713)*, Paris 2002, pp. 27-48.

⁴Delumeau, Jean, “Présentation”, Jurieu, Pierre, *L'Accomplissement des propheties*, ed. Jean Delumeau, Paris, Imprimerie Nationale, 1994, pp. 12-39.

⁵Burschel, Peter, *Sterben und Unsterblichkeit. Zur Kultur des Martyriums in der frühen Neuzeit*, Munique, Oldenbourg, 2004, pp. 28-31. Ver também Bost, Hubert, *Ces Messieurs de la R.P.R. Histoire et écritures de huguenots, XVIIe-XVIIIe siècles*, Paris, 2001, cap. “L'Apocalypse et les psaumes dans l'arsenal des Pastoraux de Jurieu”, pp. 175-213.

⁶Entre a grande profusão de obras acerca da Révocation destacam-se, pelo seu carácter exemplar, as obras Yardeni, Myriam, *Le Refuge huguenot. Assimilation et culture*, Paris, Champion, 2002, Garrisson, Janine, *L'Edit de Nantes et sa révocation. Histoire d'une intolérance*, Paris, Éditions du Seuil, 1985 e Labrousse, Elisabeth, *La Révocation de l'Edit de Nantes. Une foi, une loi, un roi?*, Paris, Payot, 1985.

⁷Acerca de Jurieu, ver Knetsch, F. R. J., “Pierre Jurieu (1637-1713) face à la Révocation”, *La Révocation de l'édit de Nantes et les Provinces Unies 1685*, ed. J. A. H. Bots, J. A. H. e G. H. M. Posthumus Meyjes Amsterdam, Maarssen 1986, pp. 107-118, assim como Labrousse, Elisabeth, “Note sur Pierre Jurieu”, *Conscience et conviction. Études sur le XVIIe siècle*, ed. Elisabeth Labrousse, Paris / Oxford, The Voltaire Foundation, 1996, pp. 209-229.

⁸Jurieu, *L'Accomplissement des propheties*, pp. 56-61 e 65-66.

“Allors, selon toutes les apparences, le joug du Persecuteur sera rompu, un temps de relâche viendra, & tous ceux qui aujourd’hui gémissent sous la captivité de Babylon leveront la tête [...]”⁹

Como chegou Jurieu a estas notáveis exceções? Ele encontrou naturalmente na Bíblia e na História vários indícios para as suas hipóteses. Entre estas hipóteses, encontrava-se um massacre recente. Jurieu está convencido de viver com a Révocation a última grande perseguição aos cristãos, que com as profecias bíblicas, devia explicar o fim do Anticristo. Esta última onda de perseguições começou com um acontecimento chave em 1655:

“La dernière persecution Antichrétienne [...], doit arriver quand les témoins seront près de la fin de leur témoignage, & l’Antechrist proche de la fin de son regne. Or nous avons prouvé par les Prophetes & par les types dans les chapitres precedens que l’Antechrist acheve son regne: donc il faut que ce soit ici la dernière persecution. Il y a déjà trente ans qu’elle dure, elle commença l’an 1655. le Duc de Savoye entreprit de détruire les fideles des Vallées de Piemont; il y envoya des gens de guerre, qui y firent un grand massacre; mais comme l’heure de la mort des témoins n’étoit pas encore arrivée Dieu leur suscita delivrance. Ils se défendirent avec succès, & toutes les puissances Protestantes de l’Europe s’interessèrent pour obtenir du Duc la paix pour ces pauvres gens.”¹⁰

O massacre, que entrou na memória protestante com a designação de “Páscoa do Piemonte”, ocorreu em Abril de 1655. No início de 1640, uma nova onda de proselitismo católico sob o Reinado da Duquesa Marie Christine de Bourbon, uma filha de Henrique IV de França. Em especial, entre os habitantes calvinistas dos vales alpinos do Piemonte, surgiram revoltas e agitação. Este grupo de calvinistas era considerado seguidor dos valdenses medievais heréticos, que foram objecto duma repetida perseguição.¹¹ Os valdenses do Piemonte opuseram-se às tentativas missionárias, que também incluíam aquartelamentos de soldados, muito antes desta prática se divulgar contra os huguenotes franceses sob Luís XIV. Neste processo, os piemonteses basearam-se nos seus privilégios de tolerância, que lhes tinham garantido desde 1561 a liberdade de religião em uma região precisa. A situação agravou-se em Abril de 1655, na sequência do assassinio dum padre católico. Uma expedição militar punitiva sob as ordens do Príncipe de Pianezza lançou fogo durante vários dias a aldeias valdenses. Enquanto uma parte da população masculina se armava e se preparava nas montanhas para contra-atacar, as tropas matavam os habitantes, que tinham ficado nas aldeias, assim como os valdenses errando nas florestas e nas montanhas, ou seja, em todos os locais onde pudessem ser encontrados. Tratava-se sobretudo de mulheres, crianças, doentes e anciãos. A expedição punitiva terminou a 3 de Maio com uma festa de celebração do soberano. Além disso, alguns dos sobre-

⁹ Idem, *ibidem*, p. 161. Jurieu desenvolve este pensamento de modo mais detalhado nas suas *Lettres pastorales adressées aux fidèles de France qui gémissent sous la captivité de Babylone*, que foram publicadas entre Setembro 1686 und Juli 1689 erschienen. (Acerca do tema, consultar Bost, Hubert, *Ces Messieurs*, pp. 175-213).

¹⁰ Idem, *ibidem*, pp. 170-171.

¹¹ Audisio, Gabriel, *Die Waldenser. Die Geschichte einer religiösen Bewegung*, Munique, Verlag C. G. Beck, 1989, pp. 250-253.

viventes armados, que se tinham refugiado na Suíça e em França, tentavam recuperar os seus antigos bens. A situação melhorou apenas em Agosto com a emissão duma patente de perdão sob pressão de vários poderes protestantes.

A pergunta deve ser agora esclarecida quanto ao fundamento do conhecimento de Jurieu acerca dos acontecimentos no Ducado de Sabóia. De igual modo, deve-se analisar qual a razão, pela qual, De Jurieu estaria tão convencido, que teria sido este massacre e não a Noite de S. Bartolomeu ou qualquer outro massacre da História de França, que explicaria a queda do Anticristo, e ainda de que modo o evento foi encenado nos media e fixo na mente protestante.

O acontecimento nos media e a sua fixação na memória protestante

Não se encontrava qualquer referência ao Massacre do Piemonte na *Gazette de France* (1655), que era o jornal oficial sujeito à censura pelo Estado. Uma notícia breve informava, pelo contrário, acerca do assassinato de religiosos católicos pelos huguenos locais e da sua punição militar pelas tropas da Sabóia e de França.¹² O primeiro panfleto anónimo, que foi impresso poucos dias após os eventos, continha, no entanto, uma sugestão diferente. Continha, como indica o título, uma narração verídica dos eventos. Esta história era, de facto, uma sequência de nomes, locais de origem e formas de morte – actos de tortura especialmente violentos, aos quais eram sujeitos mulheres, crianças e anciãos.¹³ A publicação dum confronto oficial pela Corte de Sabóia motivou a publicação de mais panfletos em língua francesa, holandesa e alemã, comprometendo a leitura oficial dos eventos através de descrições o mais possível detalhadas dos actos de terror.¹⁴ Nos Países Baixos, os quais, durante a Guerra dos Oitenta Anos contra os Espanhóis, desenvolveram uma certa especialização na representação iconográfica de massacres, surgiu um panfleto ilustrado de grande dimensão (57x34 cm) mostrando as cenas mais cruéis do banho de sangue e com comentários breves nas legendas.¹⁵ Na Inglaterra puritana apresentava-se uma *broadside ballad*, isto é, uma ballada de estrada, que foi impressa num cartaz de

¹² Leger citou estes artigos da *Gazette de France* sem datas precisas. (Léger, Jean, *Histoire générale des Eglises Evangeliques des Vallées de Piemont; ou Vaudoises. Divisée en deux livres [...]*, A Leyde, Chez Jean Carpentier, 1669, parte 1, p. 90.

¹³ *Recit veritable de ce qui est arrivé depuis peu aux Vallées de Piémont*, [Grenoble?], 1655.

¹⁴ *Waldenser Blut-Bad Oder warhafftige Beschreibung der grausamen unmenschlichen unnd mehr als Barbarischen Tyranny/welche an den Reformirten Waldensern in den Piemontischen Gebürgen und Thälern im Monat Aprilii Anno 1655. mit Morden/Brennen und Rauben verübet worden*, o.O., o.J. [ca. 1655]. (Original em francês *Relation veritable de ce qui 'est passé dans les persecutions & massacres faits cette année, aux Eglises Reformées de Piemont, avec la refutation des calomnies dons [sic] les Adversaires de la verité taschent de les noircir*, [Genève?], 1655. Tradução em neerlandês: *Waerachtich verhael, Van't gene gepasseert is in de vervolgingen ende Moordereyen, aen de Gereformeerde Kercken inde Valeyen van Piemont dit laer 1655. gheschiet. Overgeset uyt de Françoysche, in onse Nederduytsche Tale, 's Graven-Hago, 1655. Ainda: Warhaffter Bericht Aus Piemont: Von deme/Was daselbstn dieses 1655. Jahr/ in den Verfolgungen und greulichem Blutbat/in den Reformierten Kirchen ist vorgangen; nebenst Wiederlegung der Verleumbdungen/ womit die Widersacher die Warheit vermeinen zuvertunkelen; Aus dem Frantzösischen und Italiänischen getrewlich übergesetzt/ nach dem Original Gedruckt zu Ville Franche, 1655.*

¹⁵ Comparar com o artigo de Wolfgang Cilleßen in *Bilder des Schreckens. Die mediale Inszenierung von Massakern seit dem 16. Jahrhundert*.

grande dimensão e possivelmente ilustrado dizendo: "A Dreadful Relation of the Cruel, Bloody, and Most Inhumane Massacre".¹⁶

São estes apenas alguns exemplos do espectro seguramente ainda mais rico das reacções imediatas da imprensa aos eventos. No conjunto dominava a função informativa e apelativa: A escrita diária servia para dar a conhecer os eventos ao público, estabelecer os eventos no discurso público enquanto "massacre" e, com isto, debilitar o modo de leitura duma expedição militar punitiva contra os súbditos rebeldes. Não por último, deviam ser mobilizadas outros poderes protestantes para a protecção dos calvinistas do Piemonte, dado que também se fomentava com isto a polémica confessional no interior da Europa. O exemplo inglês demonstra o êxito parcial deste processo. Assim, o poeta inglês do Massacre dos Valdenses, John Milton, escreveu não apenas o seu soneto *On the late Massacre in Piemonte* (Nr. XVIII), como, na sua qualidade de secretário do Conselho de Estado durante o governo de Cromwell, também concebeu um discurso ainda hoje menos conhecido para o enviado especial do protegido do Lord, Sir Samuel Morland. Este último viajou com uma grande quantidade de dinheiro para a protecção dos valdenses na Corte para Turim, onde colecionou durante meio ano testemunhos oculares e outras informações, que foram desembocar em 1658 a uma primeira grande obra de história acerca dos valdenses e do massacre.¹⁷ A encenação nos media teve como consequência uma pressão diplomática particularmente forte junto à Corte dos Sabóias.

O pregador valdense piemontês Jean Leger, que tinha vivido o massacre e depois fugiu para os Países Baixos, era um dos mais importantes "informadores" do enviado inglês. Catorze anos após "a Páscoa do Piemonte" e as reacções imediatas na imprensa aqui apenas esboçadas, ele publicou em Leiden um livro com o título *Histoire des Eglises evangéliques du Piémont ou Vaudoises (Geschichte der evangelischen oder waldensischen Kirchen des Piemont)*. Esta obra é idêntica à obra anterior de Morland – foram aparentemente usados as mesmas imagens em cobre para as ilustrações. Dado o enviado especial inglês ter recebido uma grande parte do seu material de Leger, é possível que Leger seja o verdadeiro autor destes textos, devendo-se a Morland a tradução inglesa. Sobretudo nos capítulos relativos ao massacre de 1655 o estilo muito pessoal de recordar, que se encontra intimamente ligado à história da família de Leger, aponta para esta possibilidade.

Já a apresentação exterior do manuscrito com mais de 600 folios mostra que esta publicação não tinha como principal objectivo a mobilização dos poderes protestantes. Tratava-se, muito mais, de enquadrar e interpretar o grande massacre, a sua história inicial e as suas consequências imediatas num contexto histórico vasto. Assim, Leger apresentou no seu livro um enquadramento histórico e salvético completo, ou seja, uma narração calvinista canónica dos acontecimentos, que tornou possível uma fixação definitiva do massacre na memória protestante. Esta tentativa

¹⁶ "With bleeding heart & mournful tear/ A Dreadful Relation of the Cruel, Bloody, and most Inhumane Massacre... Duke of Savoy/ Tune: The Bleeding Heart/ John Andrews, 1655", *Book of Fortune*, Nr. 20 (British Library: C.20.f.14). (Ver Rollins, Hyder Edward, *Cavalier and Puritan. Ballads and Broad-sides illustrating the period of the Great Rebellion, 1640-1660*, Nova York, New York UP, 1923).

¹⁷ Morland, Samuel, *The History of The Evangelical Churches Of the Valleys of Piemonte containing A most exact Geographical Description of the Place, and a faithfull Account of the Doctrine, Life, and Persecutions of the Ancient Inhabitants. Together, With a most naked and punctual Relation of the late Bloudy Massacre, 1655 [...]*, London, Printed by Henry Hills 1658.

de canonização de Jurieu teve, pelo menos, um êxito relativo, como testemunhou, entre outros, Jurieu em 1683, ao escrever o seguinte acerca do Massacre de 1655:

“Monsieur Leger ministre des vallées nous en a donné une tres ample relation que je ne scaurois lire sans frémir. Et je suis bien ayse que cette relation soit nouvelle, entre les mains de tout le monde & connue de toutes personnes pour m'exempter la peine de la rapporter icy.”¹⁸

Apesar de o livro de Leger andar em todas as mãos, toda a gente conhecer o seu conteúdo, o seu significado no “refugee huguenote” era objecto de polémica. A querela um pouco mais tardia entre Jurieu e Pierre Bayle mostrou um pouco mais tarde que a obra continha alguma “pólvora” política.

Leger retoma naturalmente alguns textos prévios e diários de 1655 na sua descrição do massacre. O cerne da sua *Geschichte der evangelischen Kirchen im Piemont* constitui uma espécie de protocolo dos excessos mais graves do massacre, que se baseia em relatos oculares, que tinham sido por ele compilados imediatamente após os eventos e na presença de dois notários. Este extracto textual assemelha-se, do ponto de vista do conteúdo e do estilo, aos primeiros panfletos do massacre, diferenciando-se, todavia, num ponto essencial: as quinze páginas centrais são ilustradas com um total de vinte e seis desenhos, mostrando respectivamente cenas isoladas concretas dum modo drástico e que são explicadas de imediato no texto. O texto apresenta-se como uma justaposição de testemunhos oculares. As imagens estão colocadas respectivamente no texto de tal modo que estão relacionadas directamente com a representação inferior ou superior. Assim, lê-se, por exemplo, sob a imagem 10:

“Jean André Michelin de la Tour, échappa miraculeusement des mains des Bourreaux après avoir vû de ses yeux déchirer en sa présence, trois de ses petits Enfants, de la façon que vous le représente cette figure.”¹⁹



¹⁸ [Jurieu, Pierre], *Histoire du calvinisme et celle du papisme mises en parallèle, ou Apologie pour les réformateurs, pour la réformation et pour les réformés, divisée en quatre parties; contre un libelle intitulé l'Histoire du Calvinisme. Par Mr. Maimbourg, Rotterdam, R. Leers 1683, Quatrieme Partie. Contenant l'histoire abrégée des troubles que le papisme a causés dans le monde, des cruautés qu'il y a exercées, et de ses attentats...*, vol. IV, pp. 85-86.

¹⁹ Leger, *Histoire des eglises évangeliques*, parte 2, p. 121.

A ilustração respectiva (fig. 1) mostra a execução de três crianças de modo diverso e sempre no momento imediatamente antes da força começar a fazer efeito: À esquerda, os dois soldados seguram os pés duma criança de cabeça para baixo e trespassam-na com a espada, para a dividirem em duas partes. Mesmo ao centro, dois soldados tentam atingir o mesmo resultado sem espada, apenas através do uso da força física. À esquerda, um soldado sozinho balança por fim uma criança pelos pés, para a esmagar no momento seguinte num rochedo. O testemunho ocular do pai muitas vezes acentuado "vue des ses yeux [...] en sa présence" também é retomado na imagem à esquerda, onde uma figura meia escondida entre rochedos observa o evento.

A imagem servia neste caso para completar a representação sumária. No caso da pequena filha de Moyse Long, tanto o texto, como a imagem mostram todos os detalhes mais cruéis.

"La Fille de *Moyse Long* de Bobi, âgée de dix ans, ayant esté attrapée par des Soldats Piémontois, au lieu de Villeneuve, au dessous de Mirebous, ils l'enfilèrent toute vivante en une pique, & ayans fait un grand feu sur une grande & large pierre, l'y rostirent tout de même que la chair à la broche. Quoy fait ils en découperent la chair qui leur sembloit la mieux cuite, mais ils n'en mangerent que quelque peu, parce disoient-ils par après, qu'ils ne l'avoient pas pû faire rostir à leur gré."²⁰



A ilustração respectiva (fig. 2) mostra na forma de uma imagem simultânea a menina burguesa vivaz, desnuda, que é segura na vertical por um soldado, e, à direita, o dispositivo macabro do grelhador. Acena-se para o canibalismo apenas através duma soldado abanando uma faca junto ao "grelhador."

A maior parte das representações iniciais do massacre não se encontravam ilustradas. Dominavam as imagens, sendo o texto reduzido ao mínimo. A narração de Leger atinge quase só o carácter duma reportagem e tem um efeito mais vivo e

²⁰ Idem, *ibidem*, p. 124.



chocante do que qualquer representação anterior, através dum equilíbrio de texto e imagem e da relação estreita entre ambos. Todavia, a “técnica iconográfica de reportagem” não nos pode iludir acerca do facto, que as representações de força transportavam consigo uma mensagem encenada cuidadosamente. Isto é particularmente claro no penúltimo conjunto imagem-texto deste capítulo (Fig. 3), que, entre outros, apela à história bíblica dos três homens no fogo e, de certo modo, explica resumidamente o fim dos relatos oculares relativos ao Massacre de 1655:

“On a même sçeu renouveler l’invention de la Fournaise de Babylone, mais encore d’une façon plus cruelle que les Babiloniens, car l’on a extraordinairement fait chauffer des grands à cuire le pain, & l’on les a remplis de ces pauvres agneaus, sans les égorger devant que les y faire rôtir, comme on faisoit les agneaus de Pâque parmi les Juifs, les contraignans mêmes de se jeter eux-mêmes l’un après l’autre dans ces flammes. C’est ce qu’on a publiquement fait au lieu de Garsillane, au bas de la Vallée de Lucerne, & dont quelques-uns de ces Boulangers se sont encore vantés dans Pinerol en presence de Monsieur de la Simone Major de la Ville, de Monsieur Gros Pasteur du Villar, & de divers autres, encores pleines de vie. Qui sont ceux qu’on a fait cuire de cette façon, ni nous, ni leurs Bourreaux n’en avons rien pû sçavoir d’asseuré: comme aussi d’une grande partie de ceux que l’on a massacrés, nous n’en avons pû sçavoir la maniere.”²¹

Dominavam nos exemplos iconográficos antes mostrados os autores das cenas, assim, aqui, as vítimas anónimas encontram-se ao centro e remetem os soldados para o lado esquerdo. Quase todos têm as mãos em posição de oração – na típica pose de mártires, que também se encontra frequentemente na gravura calvinista acerca dos massacres de huguenotes durante as guerras de religião francesas.²² O texto identi-

²¹ Idem, *ibidem*, p.130. Destaques no texto.

²² Ver o artigo de David el Kenz in *Bilder des Schreckens. Die mediale Inszenierung von Massakern seit dem 16. Jahrhundert*.

fica não apenas as vítimas com o cordeiro das oferendas, mas a imagem do fogão com os homens do Povo de Israel, que são lançados ao fogo por ordem de Nabucodonosor, ao recusarem-se a negar o seu Deus. Esta imagem terminal significa, com isto, para os valdenses e os seus pregadores também um processo de salvação, dado que, na História Bíblica, o fogo não pode fazer arder os três homens e estes são salvos pelo seu testemunho de fé. (Dn 3,17: "*Se assim for, o nosso Deus, a quem servimos, tem o poder de nos livrar da fornalha acesa e nos livrará, ó Rei, da tua mão*".)

Esta encenação do massacre da História da Salvação não se limita apenas à relação texto-imagem no capítulo da "Páscoa do Piemonte". Esta relação é, pelo contrário, tratada de modo cuidadoso na edição geral da obra já antes do início da "reportagem iconográfica". Leger apenas confronta os seus leitores com os eventos sangrentos, após os leitores terem ultrapassado vários degraus na leitura da obra. Estes degraus conduzem a significados interligados, que levam ao leitor o material necessário para a compreensão da representação.

O primeiro contexto interpretativo e mais abrangente chama o horizonte da salvação já apontado. A história do seu próprio povo, os valdenses, encontra-se intimamente ligada a este mesmo contexto interpretativo. Nesta interpretação, Leger pode recorrer a um significativo ramo tradicional na historiografia protestante. Assim, um capítulo descrevendo os valdenses como os adeptos mais fieis de Cristo já se encontra no martirologio mais famoso da autoria de Jean Crespin. Neste capítulo, os valdenses testemunharam de modo firme a verdade do Evangelho nos tempos obscuros da Idade Média, apesar da permanente perseguição anterior à Reforma.²³ Este capítulo de Crespin baseou-se, de resto, em um panfleto acerca do Massacre Valdense no Sul da França, no qual a palavra francesa "massacre" aparece porventura pela primeira vez com o seu significado actual.²⁴ Leger continua ainda de modo mais decidido do que Crespin. A primeira parte na totalidade desta obra serviu-lhe para traçar a história dos valdenses nos Vales Alpinos até aos tempos apostólicos. Assim, Leger escreveu de imediato no início do primeiro capítulo:

"[M]on dessein est de faire voir dans ce premier Livre, que c'est particulièrement dans les Vallées de Piémont [...] que la miséricordieuse, & miraculeuse Providence de Dieu, dès le siècle même des Apôtres est voulu conserver grand nombre de fideles témoins, & même plusieurs Eglises entières, qui ont toujourns gardé le bon dépôt, & si bien conservé la bonne part de la pure Doctrine de l'Evangile, qu'elle a passé de Pere en Fils, & de siècle en siècle, en ce qui concerne tous les points fondamentaux du Salut, toute telle qu'ils la professent encore aujourd'huy par la grace de ce grand Dieu, qui les a fait marcher sur les Dragons, & sur les Aspics, & sur toute puissance de Satan, & de l'Antechrist, selon la promesse de leur benin Sauveur (Lc 10) sans que jamais elle les ait pû détourner de la simplicité qui est en Christ, pour leur faire suivre les traditions de Rome."²⁵

²³ [Crespin, Jean], *Histoire des Martyrs*, Genève 1582, f. 537v°-553r°. (Consultar também Vogel, Christine, "Zwischen Gewalterfahrung und Heilserwartung. Das hugenottische Geschichtsbild in der Krise", *Zuwanderungsland Deutschland. Die Hugenotten*, Katalog zur gleichnamigen Ausstellung im Deutschen Historischen Museum Berlin, 22. Oktober 2005 bis 12. Februar 2006, ed. Sabine Beneke e Ottomeyer, Hans, Berlin, Wolfarthshausen 2005, S. 155-162.

²⁴ *Histoire mémorable de la persécution et saccagement du peuple de Mérindol et Cabrières et autres circonvoisins appelez Vaudois*, Genève, Crespin 1555.

²⁵ Léger, *Histoire des églises évangéliques*, parte I, pp. 1-2.

Por outras palavras, o povo simples dos valdenses conservou e transmitiu a fé verdadeira desde a Igreja Primitiva nos vales alpinos de difícil acesso, enquanto o resto do mundo caiu cada vez mais para o lado do Anticristo com a ascensão papal. Como consequência, os valdenses são identificados com a fé daquelas testemunhas mencionadas no capítulo 11 do Apocalipse de João:

“[Les vaudois] ont si bien seelé par leur propres sang la profession sainte qu’ils faisoient, que plusieurs Doctes interpretes de l’Apocalypse aussi bien que plusieurs Historiens, faisans comme deux branche les Vaudois & les Albigeois [...] ont crû que ç’avoient été les deus [sic] Témoins de l’onzième Chapitre de l’Apocalypse, qui *devoient prophetiser [mil] deusens-soissante jours vêtus de sacs, en grande misere & pauvreté, & contre qui la Bête montée de l’Abyme devoit faire la guerre, les vaincre & les tuer, laissant leurs pauvres corps morts sans sepulture.*”²⁶

Esta selecção dos valdenses não lhes devia dar apenas confiança a eles. Tratava-se, sobretudo, de mostrar a legitimidade histórica e o significado salvético ao protestantismo europeu e de acentuar os poderes protestantes entre os habitantes dos vales alpinos. Tal já foi tornado claro na dedicatória da sua obra aos senhores dos Estados Gerais, ao explicar-lhes:

“Ainsi voyés vous TRES-HAUTS ET TRES-PUISSANS SEIGNEURS, par quels degrés & moyens la pure Doctrine a passé des SS. Apôtres, jusques à Vous, & de quelle maniere Vous pouvés à jamais fermer la bouche à ces nouveaux venus de Rome, qui vous demandent où estoit vôtre Eglise devant Calvin & Luther.”²⁷

Leger desenvolveu ainda um significado profano no contexto histórico geral de salvação, que se refere à história inicial imediata do massacre. Leger descreve detalhadamente os esforços encetados pelos valdenses para conseguirem a homologação dos seus privilégios ameaçados. As vexações, com as quais os funcionários do Duque tentavam atrair os valdenses para a ratoeira da rebelião, prestando informações falsas e recusando o seu direito, são retratadas de modo minucioso. Leger esboça aqui uma imagem, na qual a legitimidade do comércio senhorial só é garantida através de acordos negociados entre soberanos e súbitos. Quando as liberdades atribuídas pelo soberano são revogadas parcialmente, tal é considerado uma injustiça, e os súbitos têm direito a defenderem-se, o que acontece em 1655.

A representação agora descrita do massacre é fixada, sendo apresentada, em certa medida, como continuação lógica do tratamento injusto dos valdenses na esfera da História Profana. Os actos atrozes constituem assim mais uma prova que aqui não pode actuar qualquer regime justo. A perspectiva da história da salvação junta-se em simultâneo nesta passagem, pois Leger acentua repetidamente que os valdenses nunca antes tinham sido vítimas de tais atrocidades; jamais tinham sido vistas atrocidades, barbaridades e desumanidades mais aberrantes e mais repugnantes na história; Leger prometeu ao leitor, que o segundo encontraria a quinta essência de todos os actos atrozes históricos no seu relato.

²⁶ Idem, *ibidem*, Parte 2, S. 1-2. (Ver Apoc. 11,3 e. 11,7-10).

²⁷ Leger, *Histoire des eglises évangéliques*, Parte I, f. a2v^o-b1r^o.

"Sache donc à l'avance [...] Cher Lecteur, que tout ce qu'il te peut souvenir d'avoir jamais lû, ouï, & vû d'actions infames, abominables, & execrables, contre toute pudeur, & dont les esprits immondes mêmes se devroient donner de la confusion & de la honte: de tout ce que tu peux avoir lû, ouï & vû de cruautés, de barbaries, & d'inhumanités atroces, effroyables & execrables [...] c'est assurément dans ce Livre où [...] s'en trouve la véritable quintessence. [...] Dieu veuille, Ami Lecteur, que tu en profites pour apprendre [...] à connoître la miraculeuse & misericordieuse Providence que tu verras à tout coup étenduë sur ces pauvres peuples d'une manière toute extraordinaire [...]."²⁸

O carácter histórico único do massacre de 1655 comprova de novo a concepção dos valdenses como povo eleito. Na opinião de Leger, as representações mais detalhadas e as imagens são justamente dedicadas aos tipos de torturas mais cruéis e sem exemplo, nas quais se mostra de modo especialmente claro a acção da Divina Providência. As crianças de Jean André Michelin de La Tour, a filha de Moyse Long e as inúmeras vítimas anónimas entre os valdenses constituem testemunho da verdadeira fé, enquanto vítimas dos cúmplices do Anticristo.

Valdenses e huguenotes entre a providência e a política

Com isto, encerra-se o ciclo, que começou com a profecia de Jurieu e conduziu à história dos valdenses de Leger, através da publicação quotidiana de 1655. Em vista da apreciação demonstrada no livro de Jurieu Leger, não é milagre, que ele tenha atribuído um lugar tão proeminente ao Massacre de 1655 na História da Salvação. Em 1686, o apelo da recordação do Massacre dos Valdenses tinha que ter necessariamente um certo paralelismo dos valdenses com os huguenotes: não foram os valdenses obrigados sob ameaça a converterem-se ao Catolicismo? Não precisavam estes de também terem em conta o apelo ao seu édito de tolerância? E não lhes restava mais que a fuga da sua pátria para escaparem a coisas piores? O problema principal encontrava-se precisamente neste paralelismo, pois este continha algum material explosivo. Em 1686, os valdenses conseguem de novo chegar ao primeiro plano político-diplomático. Em 2 de Janeiro de 1686, o Duque Viktor Amadeus II revogou um édito, que também proibia a celebração de missas protestantes nos vales alpinos e decretou a deportação dos pastores, assim como o baptismo obrigatório de todas as crianças. Como em 1655, ocorreu uma revolta armada, na qual, em parte, participavam ainda veteranos da "Páscoa do Piemonte". Após poucos meses, quase metade da população de originalmente 14,000 valdenses foi dizimada.²⁹ Os sobreviventes fugiram ou converteram-se. Todavia, como em 1655, um exército de valdenses foi organizado na Suíça e tentou várias vezes sem sucesso retornar às aldeias antigas. A constelação política apenas se tornou favorável em 1689: os exércitos de Luís XIV estavam concentradas no Palatinado, enquanto Guilherme III de Urâ-

²⁸ Idem, *ibidem*, parte II, ff. d2rº-vº.

²⁹ Symcox, Geoffrey, "The Waldensians in the Absolutist State of Victor Amadeus II", *Dall' Europa alle valli valdesi. Atti del XXIX Convegno storico internazionale: Il glorioso rimpatrio (1689-1989). Contesto - significato - immagine*", ed. Albert de Lange, Turim, 1990, p. 241.

nia subiu ao Trono de Inglaterra, após a fuga de Tiago II, observando-se já uma aproximação entre o Duque da Savóia e a liga contrária a Luís XIV. Graças ao forte apoio financeiro e logístico, os valdenses obtiveram uma “glorieuse entrée”, ou seja, o regresso em glória aos vales alpinos em Setembro de 1689.

No ano seguinte, em 1690, foi impresso um texto anónimo com o título *Avis important aux Refugiez sur leur prochain retour en France*.³⁰ Jurieu estava convencido, que o autor seria o seu antigo amigo e companheiro no exílio, o filósofo e editor Pierre Bayle. A autoria de Bayle é actualmente posta em causa, sendo, todavia, certo, que ele editou e teve um papel importante na sua elaboração.³¹ As primeiras frases já mostravam com toda a segurança, que se tratava duma polémica da obra de Jurieu *Accomplissement des Prophéties*. O autor ironizava, dizendo que o ano de 1690 tinha terminado e nada de especial tinha ocorrido.

“Voici, Mon cher Monsieur, l’année 1689. expirée, sans qu’il soit rien arrivé de fort memorable. Vous vous promettiez monts & merveilles dans cette année là; qu’elle seroit fatale à l’ Eglise Romaine en général, plus fatale encore à la France; qu’on ne verroit que grandes crises d’affaires, que revolutions miraculeuses [...]. Pour le moins est-il certain que l’affaire que vous regardiez comme la plus immanquable, savoir vôtre rétablissement, n’est point arrivée.”³²

O autor dedica-se aprofundadamente ao tema dos valdenses. O autor abstrai-se completamente do significado da História da Salvação e limitou-se consequentemente ao significado político. E com isto é, para ele, claro que quem defende a perspectiva e o movimento de oposição dos valdenses, foi infectado com um “esprit républicain” não consentido.³³ Os huguenotes apenas podem ansiar pelo regresso a França, quando se distanciam oficialmente e publicamente dos valdenses no Piemonte e, com isto, das suas perspectivas republicanas. Por fim, são precisamente estas concepções acerca do direito à rebelião e da teoria do contrato do poder, que levaram a França de Quinhentos às sangrentas guerras de religião e prejudicaram a reputação dos huguenotes durante um longo período. Os valdenses podem ser um povo eleito. Todavia, eles tinham que obedecer sem resistência ao seu soberano, quando este os colocou perante a escolha entre o exílio, a morte ou a conversão. Como consequência, não se lê aqui nada relativamente ao massacre, tanto em relação

³⁰ [Bayle, Pierre/ de Larroque, Daniel], *Avis important aux Refugiez sur leur prochain retour en France. Donné pour Estrennes à l’un d’eux en 1690. Par Monsieur C.L.A.A.P.D.P.* A Amsterdam, Chez Jaques [sic] le Censeur, 1690.

³¹ Briggs, Eric R., “Daniel de Larroque (1660-1731), Author of the *Avis important aux Refugiés* of 1690 and the beginning of the truly modern Europe”, *La vie intellectuelle aux Refuges protestants. Actes de la Table ronde de Münster du 25 juillet 1995*, ed. Jens Häselser e Anthony McKenna, Paris, H.Champion, 1999, vol. 1, pp. 203-226.

³² [Bayle/ Larroque], *Avis important*, pp. 1-2.

³³ “Car que deviendroit la Société civile, si l’on se régloit sur tant de dogmes séditions que vous répandez dans une infinité de petits Ecrits:& qui comme autant de lignes tirées de différens points de la même circonférence, aboutissent tous à ce centre & à ce point capital, c’est que les *Souverains & les Sujets s’obligent réciproquement, & par voie de Contract, à l’observation de certaines choses, de telle maniere que si les Souverains viennent à manquer à ce qu’ils avoient promis, les Sujets se trouvent par là dégagés de leur serment de fidélité, & peuvent s’engager à de nouveaux maîtres, soit que tout le peuple désapprouve le manquement de parole de ces Souverains, soit que la plus nombreuse & la plus considérable partie y consente*”. (Bayle, Pierre, *Oeuvres diverses*, ed. Elisabeth Labrousse, Hildesheim, Omis, 1965, p. 592).

com 1655, como em relação com os acontecimentos mais recentes. É possível que se trate de punição merecida, quando o autor retoma a encenação oficial dos acontecimentos nos media, contra a qual o jornalismo protestante tinha lutado em 1655.

A encenação primária renovada da História da Salvação do Massacre dos Valdenses de 1655 por Jurieu teve assim um efeito desestabilizador na comunidade dos huguenotes no exílio – apesar de, ou, precisamente porque se verificava um elevado potencial de identificação com as vítimas. Ocorreu uma controvérsia amarga, cujo problema era saber se a providência e a política se deviam opor, e qual a orientação a seguir em caso de dúvida. Nisto, Pierre Bayle tornou claro contra Jurieu, que a condição para se obter o objectivo político primário, ou seja, o regresso a França, seria a secularização da recordação. Na melhor das hipóteses, a perspectiva tradicional da História da Salvação de Jurieu podia demonstrar-se como contra-produktiva no contexto político modificado dos anos de 1680 ou 1690. Os valdenses hiper-determinados na memória dos huguenotes e a recordação interligada da “Páscoa do Piemonte” adequavam-se, nesta situação de crise, apenas enquanto pontos de referência centrais duma memória dos huguenotes.

